

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Guaporé Class.: 19

Data: 09/06/83 Pg.: _____

Conselho Indigenista contesta debutado O GUAPORÉ 09/06/83

O Padre Mansueto, Dal Maso, coordenador do CIMI — Conselho Indigenista Missionário — em Rondônia, rebateu ontem a iniciativa de um parlamentar de contactar com o Inca e Funoi, em Brasília, para apresentar projeto de abertura de uma estrada que cortaria o Posto Indígena Lurdes. A área foi demarcada em 77 e está localizada à margem direita do Rio Machado, também chamado rio Jiparaná, abrangendo 3 povos: os Arara, Gavião e Zoró. "A sobre vivência do índio depende em primeiro lugar da terra, disse o coordenador. Esta intenção é descabida e acredito que a Funai não o levará em consideração, quanto ao Inca, ele não tem poderes nas áreas indígenas".

Segundo Mansueto, a população dos Arara é consti-

tuida de 70 indivíduos os Zoró 190, sendo os dados numéricos oproximados, pois não podem ser estipulados com precisão — "em 78 os Zoró habitavam às margens do rio Roosevelt, em Mato Grosso, não estão permanentemente no Posto Lurdes, geralmente alguns passam um período em sua terra de origem, depois retornam. Além disto, há também os que estão na mata e não foram registrados".

O coordenador do CIMI conta que eles vivem da caça, pesca, coleta e agricultura, extraem castanha e látex, o comércio é feito através da Funai. Existe no local há mais de 30 anos o seringaí Dona Miuda, com 20 homens e alguns índios trabalhando.

— O Estatuto do Índio lei 6001, assinada pelo Pre-

sidente da República em 73, garante que em um prazo de cinco anos todas as áreas indígenas brasileiras seriam demarcadas. Isto ficou apenas no papel, prossegue o padre Mansueto.

Aponta como algumas das causas da problemática indígena a política de expansão, ocupação irracional da Amazônia, dívida externa e grandes projetos. Onde colocar o índio, dentro de um sistema onde a meta é produzir para exportar, e não para alimentar-se, arguiu "O indígena não produz dentro do sistema econômico nacional, mas para sua própria subsistência".

O padre Dal Maso justifica sua contrariedade em relação a abertura do estro da dizendo que isto significaria a exterminação dos povos, como já ocorreu com

outros tantos. "Em uma primeira etapa, o colono é jogado para enfrentar os perigos da mata, atrás dele vêm o gado e o latifúndio que o alija. A partir daí ele migra para outro local e o processo recomeça. Se continuarmos desta maneira não sobrarão índios e a Amazônia será uma grande derubada. Aqui em Rondônia ainda há muitas pessoas que vêem o indígena como gente e não permitirão a morte de mais estes povos. Acredito que também a Funai não permitirá este absurdo".

Conclui dizendo que o parlamentar deveria saber como se processa a ocupação das últimas fronteiras de terras férteis e que existem outras soluções para o caso dos agricultores de Jiparaná.